



Director literario:
Albuquerque
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:
Luiz Collares
PAPUSSE

Sapatos na chaminé



Tueca, Juca e Mané,
Três irmãos pequerruchinhos,
Vão pôr os seus sapatinhos,
A um canto da chaminé.



E sem ninguém suspeitar,
Mana Lena também vai...
Com uma bota do pai,
Bota alta de montar.



Dizendo, cheia de enganos,
Assim, o Nosso Senhor
Tem espaço para pôr
Mais presentes do que aos manos



E agora, dormindo, quêdos...
Envolto em divina luz,
Desce o Menino Jesus
Com um saco de brinquedos.



Vendo a bota exagerada
E os pequenos sapatinhos,
Enche êstes de presentinhos
E deixa a bota sem nada.



Foi um castigo dos Céus,
— (Diz o pai, vendo-a chorar)—
Por a menina tentar
Iludir, enganar Deus!



NOITE de NATAL

POR MARIA DA LUZ ASSÍS TEIXEIRA
DESENHOS DE EDUARDO MALTA



MÁRIO era um rapaz instruído e inteligente, filho duma família distinta da capital. Possuía uma avultada fortuna. Campeão da moda com requintes de elegância e chiquismo. Vivo, espirituoso e amável, a sua conversação e presença eram muito apreciadas nos clubs da alta sociedade.

Uma noite longa e escura de Dezembro, caía a chuva miudinha pulverizando as ruas. A lua mal se devisava sobre a serração das nubes; o frio embaciava os vidros dos automóveis e infiltrava-se impiedoso através das roupas esburacadas dos famintos que mendigavam nas ruas. Era 24 de Dezembro, noite de Natal. Noite de alegria em casa dos felizes, dos protegidos da sorte, ricos e opulentos, noite de desgosto intenso em casa daqueles em cuja família falta um ente estremecido e querido, que a morte arrebatou, ou que o destino caprichoso afastou para longe, muito longe... Mário acabara de jantar, cedendo à irresistível força do hábito e desconhecendo, talvez, o sólido conforto dum serão em família, vestiu o sobretudo, acendeu um charuto e saiu.



A princípio sem destino, por fim orientando os seus passos chegou a uma casa de jogo muito conhecida e entrou. Sentado à banca, mas indiferente, começou a jogar; perdeu. Continuou a jogar, perdeu ainda; jogou mais, perdeu; jogou, jogou muitas horas e perdeu sempre. Contrafu dívidas, jogou sobre palavra e perdeu. Desesperado, doido, levantou-se da mesa e saiu do Club. — A meia noite principiava a soar; vão caindo das torres as doze badaladas pesadas e lentas. É a hora do menino Jesús vir trazer os brinquedos às criancinhas. — Mário estaciona na rua; que seria quem assim lhe prende a atenção no estado de espírito em que se encontra? Sobre um banco, exposta ao frio rigoroso dessa noite de Dezembro, com a cabecita graciosa, levemente inclinada, uma criança dorme, andrajosa quasi nua. Pobre mendiga tão pequenina e tão desgraçada! Sonha e sorr...



a seu lado. Nisto recorda-se: A pobrezinha! Pertencia-lhe metade daquele dinheiro! Era o conforto o bem estar de que ela tanto carecia. — Quero fazê-la venturosa e feliz, resgatar, assim, a acção abominável que pratiquei, pensou Mário. Sai em procura da mendiga. Lá está ela sobre o banco, dorme ainda! Mário aproxima-se, chama-a meigamente, curva-se mais para, num beijo, lhe pedir perdão, mas, com o horror estampado no rosto lívido, endireita-se, recua e num soluço rouco e profundo onde transparecia toda a angústia da sua alma, foge do local, alucinado, doido! A criança estava morta!

F I M



Que sonharia a pequenina extenuada e faminta? Mário continua a olhar para a mendiga.

Um dos seus sapatinhos, velho, cheio de tombas, alargado pelo uso, taira-lhe do pézito pálido e descarnado. Mário vê o sapato e dentro dele qualquer coisa que o tascina: Era um papel dobrado, uma nota de 50 escudos. Com certeza uma esmola delicadamente dada à pobrezinha, por alguma alma generosa que, passando, não quiz deixar vazio na noite de Natal o sapatinho roto. Um desejo horrível se apossa da alma de Mário: Roubar a desgraçada criança. Rápidamente olha para todos os lados, para ver se alguém espia a sua criminoso acção; abaixa-se, esconde a nota na algibeira das calças e, precipitadamente, dirige-se para a casa de jogo. A fortuna começa a favorecê-lo, o dinheiro da infeliz criança trouxera-lhe a sorte. Em pouco tempo recuperou tudo o que havia perdido; enebriado continuou a ganhar. Tinha uma fortuna em notas do banco, amontoadas

COLABORAÇÃO INFANTIL

NATAL

Pelo menino FRANCISCO MANUEL VENTURA JUNIOR

Desenho de Eduardo Malta



Abre o céu suas portas celestiais,
Legiões de alvos anjos vêm saindo,
Entre núvens, à Terra dirigindo
Os seus hinos celestes, triunfais.

Uma estrela aos reis-magos anuncia
O Natal de outro Rei: — o Salvador!
Por entre a natureza, que dormia,
Um anjinho o anuncia a um pastor.

Por entre a solidão da noite escura,
A meia-noite, lenta, vai soando, . . .
Nisto um raio de luz e de ventura
No topo de um casebre eis vem poisando.

Soltam os anjos cantos triunfais,
Entre as trombetas, entre as flores e a luz,
Descem aves, voando, em espirais,

Nasceu Nosso Senhor, nasceu Jesus!

OS PALHAÇOS

NOVELA INFANTIL

POR

AUGUSTO DE SANTA-RITA

DESENHOS DE EDUARDO MALTA

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)



automóvel de D. Jorge, tornejava agora o largo do mercado. Lena relanceando em volta o olhar, lembrava o dia, ou antes, a que ela noite em que fora raptada, roubada aos saltimbancos pelo esgrouvinhado cigano, e

— «Pois seja assim; — (anuiu Jorge) — vamos ao Coliseu.»

* * *

No dia imediato, às nove horas da noite, erguiam-se de uma pequena mesa quadrada, na sala do jantar do Hotel de Inglaterra, toda decorada a branco e ouro, D. Jorge, Luiza e Magdalena. Quasi todos os restantes hóspedes do hotel, voltaram a cabeça, seguindo com a vista deslumbrada a distinção, a elegância e a formosura de Lena que atravessando,

trazida, quasi sufocada, para a rica casinha em que vivia agora.

Fôra ali, naquele mesmo largo, que ela, a tremer de frio, com seu «maillot» desbotado fizera habilidades entre a feia mãe Lêsma, o pai Ramboia e o Lito. — Lito!... Que seria feito de Lito, que nunca mais o vira?!... Morreria talvez, à força de maus tratos!... — (pensava a Nucha donitroza, hoje tão diversa da que era!) —

Recordação passageira... o automóvel entrava agora pelos amplos portões de uma alameda ensaiabrada, deixando na própria residência Jorge, Luiza e Lena.

Concluído o jantar, sob uma bênção de luzes coadas através pequeninos «abat-jours», côr de crème, sobre uma dúzia de velas em candelabros de prata, entre cristais e talheres, licores e frutas, amendoas e bombons, Jorge, Luiza e Lena ergueram-se da meza e foram entreter o serão planejando um programa de vida nova em Lisboa.

— «Papá e o que faremos amanhã á noite?» perguntou Lena vibrante de entusiasmo.

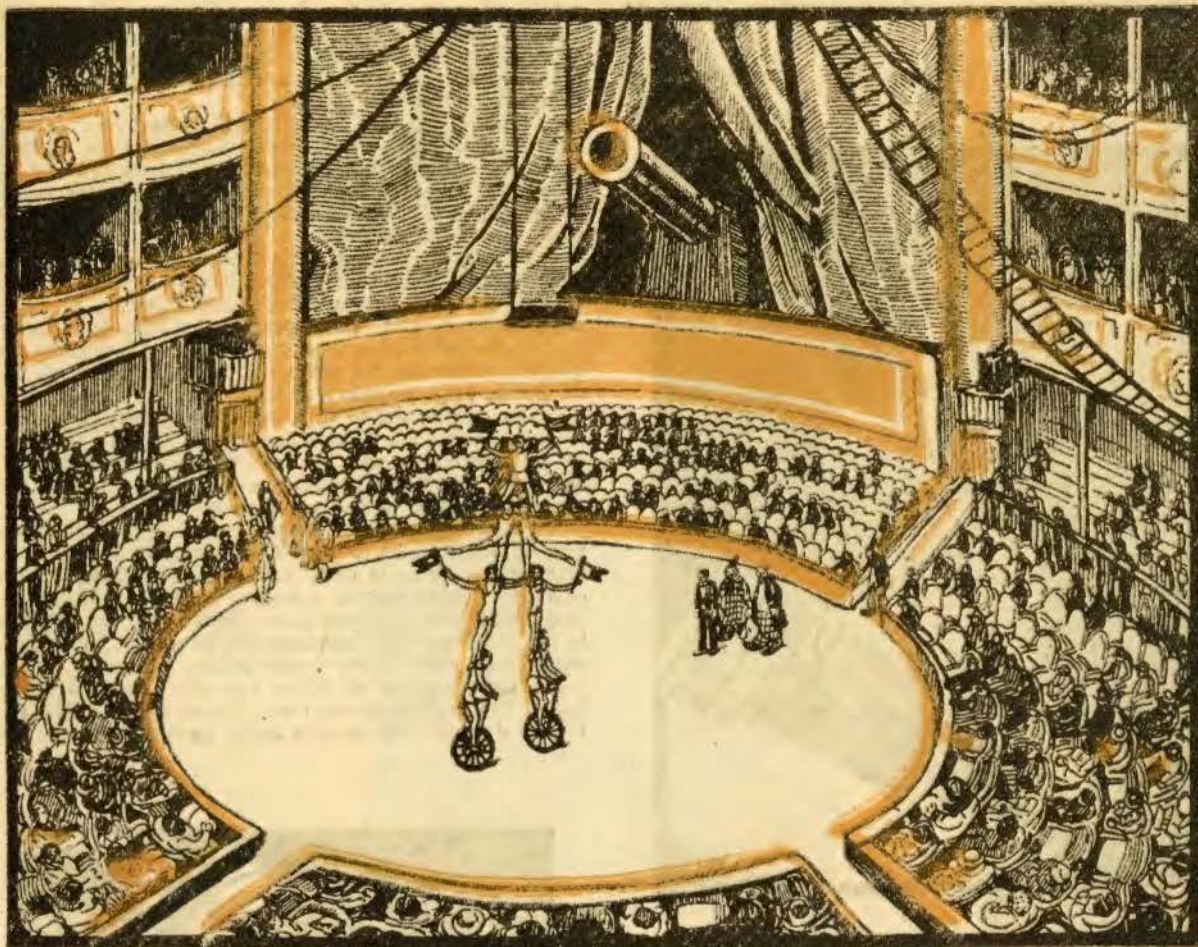
— «Nada; —olveu D. Jorge, — ficaremos no hotel.»

— «Não, não, paizinho; vamos ao Coliseu!»

— «Logo assim que chegarmos?»

— «Sim, sim, paizinho — (insistiu Lena) — E' a abertura do circo. Deve haver muita gente!»





com seus pais, um amplo corredor alcatifado a verde escuro, entraram num elegante toucador entre dois quartos arejados, amplos e luxuosos.

Chegando à janela, Lena olhou para fóra e sentiu um grande prazer de se encontrar em Lisboa, já farta da solidão tão triste do Seixal.

O campainhar — tim-tim-tim... dos carros electricos — tim-tim-tim... relampejando em baixo, praça fora, os globos da iluminação, o apregoar dos jornais: — Olh'ó diariô-ô-ô-ô!... a lufa-lufa dos transeuntes passando em formigueiro vai-vem, a estação do Rocio, o apitar de um combóio no túnel e o buzinar dos taxis... o Eden-Teatro ao longe, um kiosque incandescente entre cadeiras de verga sob focos de luz, as janelas do «Palace-Hotel» em frente, iluminadas, o ar fresco da noite e o azul negro do céu polvilhado de estrelas, enchiam a alma de Lena de uma secreta alegria.

Emquanto fechados em seus aposentos, Jorge, Luiza e Lena se preparavam para sair, do terceiro andar desciam, agora, no ascensor do hotel, Pedro, Rosa e Clara, caminho do Coliseu, cujo rumo Paulito antecipadamente seguira.

Profusamente iluminado, àquella hora, o átrio do Coliseu regorgitava de gente.

Alguns cartazes, berrantes de côr, pelas paredes em volta, anunciavam, em letras côr de fogo, as grandes novidades do circo.

Clara, Pedro e Rosa subiam agora a vasta escadaria de pedra, em lances laterais, que dão acesso às largas galerias que circundam a amplo recinto, pleno de luz, em cuja arena estava já exhibindo-se uma «troupe» de ginastas ciclistas.

Procuraram os números das suas cadeiras, Pedro tirou o sobretudo, e sentaram-se a observar os prodígios de três atléticos rapazes e três formosas raparigas que, de «maillots», equilibrados em duas «bicyclettes» andando apenas sobre a roda da frente, conseguiram formar um arco de triunfo. Uma salva de palmas reboou pela sala ao mesmo tempo que uma música rressonante e forte, de vibrantes acordes ecoava, enchia todo o vasto recinto.

Em bamboleios e cambalhotas surgiam agora os célebres augustos — palhaços de intermédio cómico — um de calças bambas, casaca verde da côr do pano das mezas de bilhar, colete encarnado, chapéu minúsculo, amolgado, sobre uma enorme cabeleira côr de fogo, e outro vestido de branco com a imagem do sol a rir, bordada a ouro, sobre o peito e um barretinho no alto do cocuruto. Feitas as piruetas do estilo entre a risota franca dos expectadores, principiou o número immediato que consistia na apresentação do mais célebre domesticador de ursos, três ursos pardos, que, sob a ameaça de um chicote comprido, davam uma série de cambalhotas, terminando cada um por emborcar uma garrafa de leite, como qualquer menino lambareiro.

No camarote de primeira ordem, do lado direito, junto ao palco, D. Jorge, Luiza e Lena, correndo um reposteiro de veludo encarnado, colocavam os seus ricos abafos nos respectivos cabides. Por fim, sentaram-se e, empunhando um binóculo, relancearam a vista pelos camarotes restantes, até que a presença de um palhaço na arena do circo lhes chamou a atenção. Havia escurecido todo o vasto recinto! Apenas um fóco de luz intensa, incidia sobre uma série de pequeninos espelhos, à laia de lantejoulas, ornamentando o rico traje de setim branco do referido palhaço, o qual tocando, num pequeno violino, uma música triste, uma ária sentimental, espalhava mil reflexos de luz por todo o recinto, como um lindo chuvaire de luminosos confétis.

A cara toda caída, os lábios e as orelhas vermelhas,

davam-lhe um ar sonâmbulo, estranho, exótico, bizarro, de um ser de outro mundo.

Era Paulito.

Na sua cadeirinha, sentada, Clara reconheceu logo a



música, a mesma que ouvira em casa de Pedro, no serão em família.

Entre o profundo silêncio dos expectadores, os melodiosos acordes do violino enchiam toda a sala.

Lito, a mélo da arena, pousou, por um momento, os olhos em Clara que, numa expressão de enlevo, não tirava os olhos de Paulito. Depois, relanceando a vista pelos camarotes, envoltos na semi-obscuridade da sala, continuou a tocar.

Súbitamente, fixou uma linda figura de mulher cujas feições lhe prenderam a atenção. Conhecia-a... mas donde, que se não lembrava?! Aquela cara, aquele rosto lindo, já o vira algures... Mas onde, Santo Deus?!... Nisto, reconheceu-a. Nucha?!... Não; não podia ser. A companheirinha de outrora, a filha de Rambóia e de Lesma, tão pobre e ordinária, tornada em gente fina, tão distinta e elegante!

Sulçou-se alucinado! E esta série de pensamentos, esta dúvida feita alucinação, esse momento de saudosa lembrança, um tão grande sentimento, uma tão forte emoção transmitiu ao seu pequeno violino, que todos os expectadores entusiasmados, se ergueram mal terminou a execução musical ovacionando-o.

Lito não despregava os olhos do camarote. Fez-se de novo a luz. E teve a confirmação: — A Nucha; Nucha! Era realmente a Nucha!

Seguiram-se novos números de magnífico efeito e Lito, agora no seu camarim, despia à pressa o seu lindo traje de palhaço e vestia o seu jaquetão preto, de talhe irrepreensível, ainda com a imagem de Nucha gravada nos seus olhos febris, cheios de curiosidade.

Já preparado com o seu traje habitual, Paulito pôs-se à

entrada da arena, ao fim do corredor, por onde os artistas fazem a sua aparição, espreitando, por detrás dum reposteiro, a Nucha tão transformada, tão diversa da que era e que, do seu camarote, continuava olhando, atenta, as mil peripécias dos artistas em cena.

Exibia-se, agora, o número final do programa: — a hula humana. Um homem, vestido de «maillot» negro, surgiu no palco. Uma grande peça de artilharia, à boca de scena, voltada para o estrado dos músicos, a cujos pés estava uma enorme rede, dir-se-ia ameaçar a vida dos expectadores dos camarotes fronteiros.

Os tambôres rufaram, entretanto, como um rimbombar de trovões em dia de tempestade. Nisto, o artista, em scena, enfiou pelo cano da peça, como se fora uma bala, uma enorme granada. Súbito, uma descarga, uma descarga estrondosa, ressoou pelos ares, atroou pelo espaço e o público emocionado, suspenso, viu novamente o artista surgir da boca da grande peça, cuspidor a distância, indo cair sobre a rede, do lado oposto, donde se erguiu, sorridente, alegre, bem disposto, como um menino pequeno ao ser lançado do colo de uma ama sêca para um regaço de mãe. E, então, entre as palmas e os acordes vibrantes da música, terminou o divertido espectáculo. Todos se ergueram.

Paulito, agora junto à porta da saída, aguardava a passagem de Nucha para a seguir. Entretanto, Pedro, Rosa e Clara passando junto dele, estranharam a atitude, ansiosa, com que Paulito olhava o desfilar das gentes. Paulito fez-lhes, então, sinal para que fossem andando para o hotel que lá iria ter. Seguiram. Entretanto Nucha surgia, ao fundo, ao alto; entre a onda de povo, toda envolta num rico casaco de peles, deslumbrante de beleza e de graça, entre D. Jorge e Luiza. Procurando não ser visto, Paulito seguiu-a. Mas qual não foi o seu espanto ao vê-la entrar no Hotel de Inglaterra!



E, sem lhe dirigir a palavra, e sem me-mo, sequer, haver sido notado, uns minutos depois de ela ter transposto a porta do hotel, seguiu imediatamente para o andar superior, onde o aguardavam já Pedro Rosa e Clara.

CONTINUA NO
PROXIMO
NUMERO

O LIVRO DE OIRO INFANTIL

O
MELHOR
PRESENTE
DE
NATAL

BROCHADO
ESCUDOS
25



O
MELHOR
PRESENTE
DE
NATAL

CARTONADO
ESCUDOS
30

CONSTITUIDO
PELOS

5

VOLUMES JÁ PUBLICADOS
PEDIDOS À NOSSA ADMINISTRAÇÃO

NOTE BEM; — ENVIAM-SE CAPAS CARTONADAS AO PREÇO DE 5 ESCUDOS

ADIVINHA

Substituir os pontos por
por letras, e teremos oito
números,

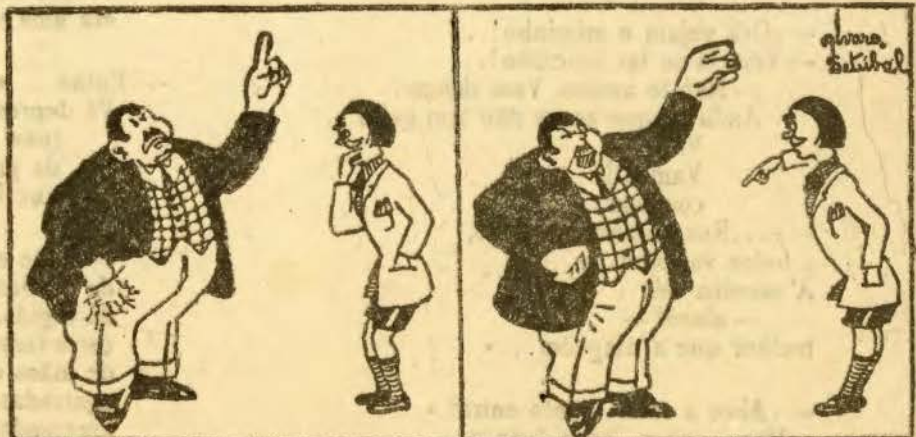
.. A
D ..
.. I
V
ADIV. I. N. H. A. O
.. N
.. H
..... A

Quantos números aqui
estão?

Romeu Heitor Mendes Fer-
rão.

Decifração da Adivinha
do numero passado: — *Por-
to, Tavira, Moncarapacho,
Faro, Gaia, Alcobaça, Pias,
Lisboa, Alemquer, Fuzeta,
Viseu, Lagos,*

ANEDOTA INFANTIL



— Não se ria!
« Olhe que todos os homens pequenos
como eu, tem sido grandes homens!

— Perfeitamente...
« Os homens pequenos como o senhor na
altura, dão grandes homens... pa gordura.



DANÇAS DE RODA

Por GRACIETTE BRANCO

DESENHO de Eduardo Malta

...«Salta o paspalhão p'ró meio,
para a cabaça levar...»

— «Não quero ser paspalhão;
Não! Não!
¡Que nome tão feio,
você me estão a chamar!»

— «Ora vejam o miminho!...
— Veja lá se faz beicinho!...
— Não te amúes. Vem dançar.
Anda... que assim não tem jeito...
Vá
Vamos lá
começar:

— «...Rosa branca ao peito,
a todos vai bem...
A' menina Fé,
— olaré! —
melhor que a ninguém...»

— «Abre a roda; quero entrar.»
««Não, senhor. Vá lá brincar,
com os primos, no jardim.
As rodas são das meninas,
e não dos feios traquinas,
como tu e mais o Quim.
— Vai-te embora, já te disse.»

— «Ai que linda exquisitece!
...Vejam lá a grande tóla!...»
Trazia aqui uma bola
para vocês...
mas assim,
Já que não gostam de mim,
amanhã levo-a p'r'à escola...
...e a bola...
era uma vez!...»

— «Então... entre... Vá p'ró meio.
Vá depressa...
(não se esqueça
da promessa
que isso é feio...)

— Tudo em roda,
de corrida,
de fugida,
corcovadas,
de mãos dadas,
agarradas,
apressadas;
tudo em roda,
— linda moda:

— «Indo eu, indo eu,
à cidade de Vizeu...»